

A HONRA COMO REAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE MASCULINA NO CONTO “A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA”, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

HONOR AS FORM OF REAFFIRMING MASCULINE IDENTITY IN THE SHORT STORY “A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA”, BY JOÃO GUIMARÃES ROSA.

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v18n1p239-250

Resumo

Este artigo objetiva estudar o papel da honra na reafirmação da identidade masculina, no conto *A hora e vez de Augusto Matraga*, do escritor João Guimarães Rosa (1994). Para isso, investigaremos as implicações de gênero que envolvem os tipos sertanejos trabalhados pelo autor supracitado, passando por conceitos fundamentais como: identidade, jagunço, patriarcalismo e masculinidade. Logo, espera-se refletir sobre os comportamentos violentos assumidos pelo homem do sertão, na tentativa de tornar inquestionável a sua identidade de macho. Desta forma, esperamos, a partir de um texto literário consagrado pela crítica, contribuir significativamente para os debates acerca das relações de gênero, utilizando a honra como o fio condutor da discussão.

Palavras-chave: Identidade de Gênero. Honra. Masculinidade. Patriarcalismo.

Abstract

This paper aims to study the role of honor in the reaffirmation of masculine identity in the story *A Hora e Vez de Augusto Matraga*, written by João Guimarães Rosa (1994). Thus, we investigate the implications of gender involving rural types created by the above mentioned author, going through important concepts such as identity, roughneck, masculinity and patriarchy. Therefore, it is expected to reflect on the violent behavior assumed by man of the hinterland, in an attempt to present its identity of male as unquestionable. Therefore, we intend, through the discussion of a literary text critically validated, to contribute significantly to debates on gender relations, using honor as our main thread of discussion.

Keywords: Identity and Gender. Honor. Masculinity. Patriarchalism.

Abilio Mendes de Almeida

Mestrando em Relações Étnicas e Contemporaneidade (como Bolsista da CAPES), Especialista em Literatura e Ensino de Literatura e Licenciado em Letras, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB.

E-mail: refavela@hotmail.com.

Adriana Maria de Abreu Barbosa

Doutora em Semiologia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Professora Adjunta da Cadeira de Teoria da Literatura do Curso de Letras da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB.

E-mail: amabarbosa@yahoo.com.br.

Introdução

As discussões que envolvem os assuntos identidades de gênero, honra, masculinidade e patriarcalismo têm contribuído muito para o entendimento do que vem a ser o universo masculino e, conseqüentemente, o porquê de tantos homens agirem de maneira violenta em diversas situações.

Muitos são os (as) estudiosos (as) dessa área, os (as) quais vêm fomentando grandes debates a respeito das atitudes agressivas adotadas por grande parte dos homens, bem como das motivações históricas relacionadas às questões de gênero que os levam a agir assim. Após a leitura de um corpo teórico especializado em discutir tais temas, foi possível identificar um comportamento muito característico assumido pelo homem do sertão, aqui representado pelas personagens do conto *A hora e vez de Augusto Matraga*, do escritor João Guimarães Rosa (1994).

Para que as considerações feitas neste trabalho se apresentassem de maneira bastante segura, levamos em conta não somente o conto supracitado, mas toda a obra roseana, a qual sempre traz como personagem central o sertanejo. No entanto, as análises aqui escritas se limitam à última estória do livro Sagarana.

A finalidade do presente artigo é refletir sobre os tipos de comportamentos exercidos pelas personagens Augusto Matraga, Joãozinho Bem-Bem, e pelos capangas de ambos, os quais usam como base das suas ações uma lei “marginal” que se apoia em um código de honra. Buscaremos mostrar o quanto essa forma de agir é importante para o homem do sertão, no sentido de reafirmar a sua identidade de macho. Visando a comprovação da nossa hipótese, será necessário entender as implicações de gênero que estão fortemente atreladas ao universo masculino.

Faz-se necessário ainda algum esclarecimento sobre o tipo de relação existente entre a ficção e a não-ficção, ou seja, de que forma é possível usar uma para compreender a outra. Buscaremos entender como o social (o externo) dialoga com os aspectos internos da obra. A partir daí, torna-se viável uma aproximação entre a literatura – nesse caso, a roseana – e o mundo real, para refletirmos questões comuns a ambos.

A escolha do tema se justifica pela importância que lhe vem sendo conferida dentro e fora do meio acadêmico – inclusive na mídia – fazendo do mesmo

algo atual. E a opção de trabalhá-lo a partir desse texto literário surgiu do fato de tratar-se de um dos contos mais visitados do Brasil, que apresenta ao leitor uma forma bastante marcante do sertanejo – cujos princípios são moldados a partir de uma visão patriarcalista da vida – agir diante de situações conflituosas. Acreditamos, portanto, que a literatura serve como um dos meios eficientes para se debater e refletir questões como estas, de grande importância, tendo em vista o seu lado social. Além disso, João Guimarães Rosa (1994) se encontra entre os mais renomados escritores do mundo, sendo referência no estudo de tipos sertanejos.

Optamos por, inicialmente, apresentarmos as ideias de diversos pesquisadores da área, possibilitando o diálogo entre os seus textos, a fim de construir um referencial teórico consistente e esclarecedor. Em seguida, dividimos o trabalho em alguns subtemas para facilitar ao leitor a visualização das abordagens feitas. Em *Ficção e não-ficção: uma rápida justificativa*, propomos refletir sobre como ocorre a relação entre o social e a literatura; na parte intitulada *A hora e vez de Augusto Matraga: um breve lembrar*, fizemos um rápido resumo do texto analisado; depois, em *Nhô Augusto e Joãozinho Bem-Bem: a identidade de macho no seu auge*, mostramos como os traços de masculinidade são bem acentuados nessas duas personagens, de forma a caracterizá-los como indivíduos altamente viris e violentos. No ponto seguinte: *Nhô Augusto e Joãozinho Bem-Bem: um confronto de honras em prol de uma identidade masculina*, a honra foi abordada como a principal forma dessas personagens reafirmarem as suas identidades de macho. Finalmente, na parte a qual chamamos de *O endeusamento do homem e a sacralização da violência*, destacamos os trechos do conto em que fica visível a atribuição de valores soberanos ao sexo masculino, bem como o tratamento da violência como uma forma de providência divina. As considerações finais se encarregam de rever os pontos mais conclusivos de toda a nossa análise.

Ao tentarmos responder o porquê dos ‘machões do sertão’ conduzirem de forma tão violenta diversas situações e a honra possuir tanta importância para as suas vidas, esperamos contribuir para as discussões acerca das relações de gênero, em especial para o entendimento do mundo masculino e de todos os conceitos a ele atrelados, considerando a hipótese de que os comportamentos

agressivos adotados por esses homens fazem parte de uma série de valores sociais, morais e econômicos, construídos à luz do patriarcalismo.

Ficção e Não-Ficção: uma rápida justificativa

João Guimarães Rosa (1994) foi um autor que construiu uma belíssima obra literária a partir de experiências pessoais vividas ao lado de “personagens reais” (muitas delas jagunços), muito embora tenha criado outras personagens fictícias. Suas viagens pelo sertão de Minas, juntamente com alguns bandos de jagunços, lhes deram a oportunidade de trazer para dentro da sua obra toda uma cultura peculiar, fazendo desta um componente essencial para a construção da sua arte e, a partir dela, discutir uma série de temas e valores universais. É bom lembrar dos seus famosos cadernos nos quais registrava, em detalhes, tudo o que via e ouvia naquele espaço e naquele tempo.

Para que possamos entender a razão das constantes passagens da ficção a não-ficção exercitadas neste artigo, com o intuito de discutirmos questões sociais vinculadas ao mundo masculino, é preciso, antes, conceber o elemento social como um fator que compõe a arte do autor, ou seja, uma parte que se une à estrutura textual para realizar a própria obra através do público. Esse processo criativo que traz para dentro do livro a realidade externa (o social) acaba por fazer desta um elemento interno do objeto criado (CÂNDIDO, 2006). Desse modo, esse percurso de ida e volta realizado durante a nossa discussão se justifica tanto pela utilidade social do material publicado, quanto pela sua constituição estrutural. Esse tipo de análise que comunga com a valorização tanto dos aspectos externos quanto dos internos de uma obra, favorecendo uma crítica mais justa, encontra em Antonio Cândido (2006) – especialmente no seu texto *Literatura e Sociedade* – um dos seus principais representantes.

Ressaltemos ainda que a relação entre o trabalho de um artista e a realidade é arbitrária. Mesmo que ele se proponha a descrever esta última da maneira mais fiel possível, poderá utilizar-se de recursos que, em algum momento, a potencialize ou a amenize em determinado ponto. É um processo de combinação e criação (CÂNDIDO, 2006). Nessa perspectiva, consideramos *A hora e vez de Augusto Matraga* como um lócus que propicia esse tipo de olhar.

Honra, Masculinidade e Patriarcalismo: uma questão de gênero

Segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2008), autor de *O Dicionário da Língua Portuguesa*, a palavra honra possui os seguintes significados: “sf.1. consideração à virtude, ao talento, à coragem, à santidade, às boas ações ou às qualidades de alguém. 2. Sentimento de dignidade própria que leva o homem a procurar merecer a consideração geral; pundonor, brio. 3. P.ext. Dignidade” (2008: 455).

Ao ler o conto *A hora e vez de Augusto Matraga*, do escritor João Guimarães Rosa (1994), deparamo-nos com uma sucessão de fatos, quase sempre envolvendo ações violentas, que se desenrolam a partir do sentimento de honra. Esses episódios, contados ao longo dessa narrativa ficcional, estão impregnados de uma série de conceitos, os quais, desvendados, nos ajudarão a entender melhor o porquê de tanta agressividade. Fica claro que, dentro do ambiente rural, especificamente o sertão, a atitude de ‘lavar a própria honra’ se revela como uma solução para a reafirmação da identidade masculina. Sendo assim, entendemos que a “questão de honra” é antes uma questão de gênero que dialoga com um conjunto de ideias, que, de uma forma ou de outra, fazem parte do universo dos papéis sociais impostos a homens e mulheres.

Observando atenciosamente os significados que traduzem o termo em discussão, descobrimos que há uma nítida valorização da coragem, a qual funciona como um fator determinante do exercício da masculinidade – a bem dizer: um dos seus principais combustíveis; e também percebemos uma preocupação do indivíduo em ser aceito pela sociedade. Veremos adiante que essas duas traduções compõem, significativamente, a personalidade do jagunço: personagem central da obra de Guimarães Rosa (1994).

Alguns dos materiais teóricos que tratam, separadamente ou em conjunto, dos temas identidade, gênero, jagunço, masculinidade, patriarcalismo e honra, conseguem esmiuçar os sentidos desses conceitos, bem como clarificar as influências que uns exercem sobre os outros. Dito isto, tomamos consciência de que autores (as) como Stuart Hall (2003), Peter Ludwig Berger (1986), Sócrates Nolasco (1993/1995), Durval Muniz de

Albuquerque Júnior (2013), Vera Lúcia Andrade (1991), e Antônio Cândido (1991) constituem um corpo crítico fundamental para toda essa discussão.

Como o jagunço é a personagem principal de quase toda a obra de Guimarães Rosa (1994), é natural que comecemos a falar sobre o texto *Conceituação de Jagunço e Jagunçagem em Grande Sertão: Veredas*, da autora Vera Lúcia Andrade (1991). Apesar de se tratar de um artigo sobre outro livro do autor mineiro em discussão, torna-se útil à medida que conceitua a figura do jagunço, mostrando-nos o seu lado ambíguo, contraditório:

A imagem que se pode depreender (...) desse elemento representante de uma classe de grande relevância no meio rural brasileiro é antes de mais nada contraditória.

Visto ora como um malfetor – o bandido que mata, rouba e pratica torturas, que ameaça a ordem, transgredindo a lei – ora como um benfeitor – o soldado que luta, saqueia e pilha, tirando dos ricos para dar aos pobres, e ajuda a manter a ordem, impondo a lei – o jagunço apresenta-se como um ser ambivalente que oscila entre duas forças, nele atuantes de forma igualmente poderosa, a do Demo e a de Deus (1991: 492).

Certamente, essa ambiguidade no jeito de ser do jagunço pode ser entendida como a evidência das suas identidades contraditórias. Estas, Stuart Hall (2003) traduziu muito bem no livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, como algo construído na relação de um indivíduo com outros indivíduos e com os sistemas culturais que os influenciam. Vale lembrar que para Hall, o sujeito da pós-modernidade não é constituído de uma única identidade, mas de várias:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. (...)

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e

não biologicamente. (...) Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (...) A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (2003: 12-13).

A essa ideia de identidade construída a partir da influência da sociedade se assemelha o pensamento do sociólogo Peter Ludwig Berger (1986), que no seu livro intitulado *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*, ao analisar o papel assumido pelo homem na sociedade diz: “a identidade é atribuída socialmente, sustentada socialmente e transformada socialmente” (1986: 112). Ainda segundo esse autor, “identidade não é uma coisa pré-existente; é atribuída em atos de reconhecimento social. Somos aquilo que os outros crêem que sejamos” (1986: 113).

Pelo fato de o jagunço ser um tipo surgido antes do chamado mundo pós-moderno e isto possibilitar um obscurecimento de interpretação acerca da sua ligação com as identidades pós-modernas, vale esclarecer que não se trata de uma personagem totalmente fictícia, mas de um ser não-ficcional, aproveitado e transformado em ficção pelas mãos do artista – nesse caso, Guimarães Rosa (1994) – e que ainda perdura nos diversos sertões não-ficcionais, inclusive no de Minas Gerais. Lembremos que o autor em análise, por diversas vezes, durante o seu processo de criação, se embrenhou pelo sertão mineiro, juntamente com um bando de jagunços, com o intuito de registrar todo aquele universo sertanejo. Guimarães é um autor pós-moderno que conviveu pessoalmente com vários jagunços da sua época e, muito embora construísse uma narrativa essencialmente fictícia e com requintes de poeticidade (poesia em prosa), os retratava de maneira bastante realista. Assim, toda essa representação do “macho” se revela, ainda hoje, como uma fidedigna descrição.

O segundo ponto a ser esclarecido é que o jagunço continua a habitar o imaginário e a realidade do nordestino de hoje, uma vez que é parte constitutiva deste último, como veremos adiante. Desta forma, podemos afirmar que, no Nordeste contemporâneo, ainda estão presentes os rastros de masculinidade e violência herdados do tipo jagunço e de outros, o que torna atual a nossa discussão.

O texto de Vera (1991) nos ajudará a entender melhor as ações de algumas personagens do conto em análise, sobretudo as de Joãozinho Bem-Bem, um dos protagonistas da trama. Joãozinho é um jagunço-chefe que comanda um bando de cerca de oito homens – assim como ele – intrépidos. O destemor, a valentia, as ações de combate e, especialmente, a prática de uma justiça alternativa serão fontes de investigação criteriosa durante o desenrolar deste trabalho.

Vera Lúcia discorrerá sobre duas características imprescindíveis que compõem o modo de ser desse homem do sertão: a valentia e a coragem. Nas palavras da autora: “A valentia é a sua força maior de defesa” (1991: 495) e “Acostumado a andar em bandos, ele sabe, no entanto, que precisa contar com sua própria coragem.” (1991: 495). E essas qualidades são exercidas, na prática, através da lei da jagunçagem, que por sua vez é sustentada por um código de honra, opondo-se à lei oficial (do Governo). Trata-se de uma forma “marginal” de buscar “o justo”. A propósito disso escreveu Antônio Cândido (1991), no seu artigo intitulado *O homem dos avessos*: “Os jagunços (...) se regem por um código bastante estrito, um verdadeiro *bushidô*¹, que regula a admissão e a saída, os casos de punição, os limites da violência, as relações com a população, a hierarquia, a seleção do chefe” (1991: 301).

Esse “fazer justiça com as próprias mãos” é ação assumida pelas personagens Augusto Esteves (Augusto Matraga), Joãozinho Bem-Bem e por todo o bando de jagunços deste último, durante o decorrer do conto investigado. Veremos, ainda neste trabalho, que essa forma diferenciada de agir está diretamente ligada às questões de gênero, sobretudo no que concerne ao zelo do indivíduo para com a sua própria masculinidade. É o homem que, a todo instante, tenta mostrar para a sociedade que é um macho incontestado. E essa cobrança social colabora para o processo de intensificação dos comportamentos agressivos.

É importante frisar que as atitudes violentas assumidas pelo homem não nascem na fase adulta.

1 Literalmente, “caminho do guerreiro”, é um código de conduta e modo de vida para os Samurais (a classe guerreira do Japão feudal ou bushi), vagamente semelhante ao conceito de cavalheirismo que define os parâmetros para os Samurais viverem e morrerem com honra. É originário do código moral dos samurais e salienta a frugalidade, fidelidade, artes marciais, mestria e honra até a morte.

Segundo Sócrates Nolasco (1995), em seu texto *Masculinidade, Media e Violência*, no qual trabalha as questões de gênero de uma maneira mais ampla e não focada na figura do jagunço: “(...) ainda em idade de pré-escola, os meninos são identificados pela inquietação que lhes é própria, pela compulsão a bricadeiras brutas e agressivas, pela capacidade de arrancar do adulto mais próximo o reconhecimento pelo esforço de diferenciar-se” (1995: 304).

Esse texto do Sócrates, apesar de tratar do universo masculino como um todo, falando das relações entre os gêneros e do comportamento da mídia diante dessa questão, é relevante, pois nos revela que a agressividade que se acrescenta ao modo de ser masculino é algo comum à cultura patriarcal.

Para Vera Lúcia (1991), o jagunço parece ser ainda mais rude do que o homem comum, pois, seria ele influenciado pelo ambiente rústico em que vive, além de ser vítima da falta de suporte governamental. Diz ela: “O modo de ser jagunço deriva do próprio meio em que vive. Vivendo o sertão agreste, onde nada ou muito pouco lhe é oferecido, o jagunço possui como valores de vida exatamente aquelas características que irão servir-lhe como forma de sobrevivência” (1991: 495).

Nesse sentido, o texto de Vera Lúcia (1991) dialoga com o de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2013), intitulado *Nordestino: invenção do “falo” (uma história do gênero masculino (1920-1940))*, quando este – no último capítulo (*A invenção de um macho*), mais precisamente na parte intitulada *Um homem telúrico* – trata da visão antropogeográfica que influenciou o pensamento dos tradicionalistas regionalistas da época, que diziam estarem no meio natural os determinantes que justificariam as maneiras de organização social e também a constituição física e psicológica das pessoas. Ou seja, para esse tipo de pensamento, as raças seriam resultado de um processo de adaptação do homem à natureza.

Longe de querermos apontar a autora Vera Lúcia (1991) como uma adepta do pensamento antropogeográfico, mesmo porque em nenhum momento do seu texto ela discute a questão das raças, ao contrário, a nossa intenção é apenas de mostrar que, assim como ela remete ao meio a responsabilidade pelo surgimento de algumas características marcantes no jagunço, Durval também o faz, só que se referindo ao tipo nordestino, e não

através do pensamento dele próprio, mas de intelectuais daquele período.

De uma forma geral, Durval irá tratar do surgimento dos termos nordestino e nordeste, mostrando como a elite intelectual da época (1920-1940) visava criar uma identidade regional. Apesar do estudo desse historiador ser especificamente sobre outra “personagem”, nos ajudará, e muito, a entender todo o lado de violência que rege o destino de um jagunço – foco da obra roseana – e de mais alguns sertanejos (como nesse caso, uma cria do coronelismo chamada Augusto Esteves), tendo em vista que irá, num determinado momento, investigar os tipos regionais que ajudaram a compor originalmente o homem nordestino. E podemos perceber que entre eles se encontram o sertanejo e o jagunço.

Dessa visão antropogeográfica – atrelada ao pensamento eugenista – que considera o meio como um determinante de características físicas e psicológicas do nordestino, e que erra profundamente ao considerar a existência de raças inferiores, segundo Durval (2013), irá surgir a ideia de macho que sempre foi relacionada a esse tipo de homem. Trata-se de uma macheza que extrapola os limites da coragem e da valentia, e que se apóia numa tentativa de naturalização do gênero, ou seja, ser um homem “normal” é exercer tais comportamentos. E basta ler o conto “A hora e vez de Augusto Matraga” para perceber que os jagunços e Augusto Esteves, tanto quanto o nordestino, possuem essa característica. Nas palavras do autor:

É esta natureza que também explicaria uma característica decisiva no nordestino, a de ser másculo, viril, macho. Só um macho poderia defrontar-se com uma natureza tão hostil, só com uma exagerada dose de virilidade se conseguiria sobreviver numa natureza adusta, ressequida, áspera, árida, rude; traços que se identificariam com a própria masculinidade. Por isso, até a mulher sertaneja seria masculinizada, pelo contato embrutecedor com um mundo hostil, que exigia valentia, destemor e resitência. Só os fortes venciam em terra assim (2013: 172).

Mas talvez seja nas questões que envolvem a influência do patriarcalismo na constituição da ideia de masculinidade que encontraremos explicações mais

profundas para o entendimento do comportamento agressivo incorporado pelo homem do sertão. Nesse momento, podemos debater o assunto tendo como base as considerações feitas tanto por Sócrates Nolasco (1995), quanto por Durval Muniz (2013).

O patriarcalismo está profundamente enraizado na estrutura familiar brasileira. Trata-se de um regime social que conduz as normas das relações baseadas na vontade do pai, portanto, do homem. A supremacia masculina, que vem de tanto tempo atrás, encontra ainda hoje terreno fértil para proliferar as suas imposições. Essa forma de ditar o destino das relações acaba por depositar nas outras pessoas – sobretudo nos outros homens – um conjunto considerável de expectativas que venham saciar a vontade da figura centralizadora do ‘macho’. Não é à toa que Nolasco nos remete à seguinte reflexão:

Podemos pensar se os comportamentos violentos não são decorrentes de estados de insegurança e desajustamento face às impossibilidades de desempenho e perfilamento dos homens, diante das exigências impostas por uma determinada representação masculina oriunda do sistema patriarcal (1995: 307).

Para Sócrates Nolasco (1995), as atitudes agressivas que ajudam a constituir o universo do ‘sexo forte’ podem ter o seu nascedouro nessa tensão gerada pelas cobranças depositadas sobre o homem em conflito com o seu medo de não correspondê-las. Isso significa uma crise de identidade que, segundo o próprio Nolasco, surge já nos primeiros anos de vida do menino, quando o mesmo é motivado a se tornar um ser combativo, capaz de agir ferozmente quando provocado. E esse incentivo à violência gira em torno de uma grande preocupação: de que o garoto um dia tenha a sua sexualidade questionada. Sobre essa indecisão identitária, diz o autor:

Nessa perspectiva, dificilmente um menino conseguirá formar uma noção sobre si mesmo criada a partir da elaboração das experiências vividas no cotidiano da escola e da família. Desde criança, ele cresce sob o temor dos adultos de que algum dia venha se tornar homossexual ou ainda ser alguém que não vá conseguir prestígio social. A constatação de que um menino age passa a ser um dos indicativos de que ele está conseguindo diferenciar-se rumo ao que

ficou estabelecido como ideal masculino. O controle sobre o processo de individuação dos meninos se inicia a partir da crença de que eles fazem parte do sexo forte e, portanto, biologicamente, seus desejos já estão pré-determinados. Resta aos meninos manterem esse credo (1995: 304).

Durval Júnior (2013) explica que o nordestino fora definido, por diversos tradicionalistas da época, como um ser contrário às conquistas da modernidade. Era um tipo tido como macho, destemido, forte, viril, com energia e força suficientes para resgatar os valores patriarcais. Afinal, para os conservadores regionalistas, a modernidade estava efeminando o mundo. Logo, fazia-se necessário trazer de volta o pulso firme da conduta patriarcal. Diz Durval:

(...) O tipo nordestino começa a se definir mais claramente a partir desta militância regionalista e tradicionalista. Este será definido, portanto, como um tipo tradicional, um tipo voltado para a preservação de um passado regional que estaria desaparecendo. Um passado patriarcal, que parecia ser substituído por uma sociedade “matriarcal”, efeminada. O nordestino é definido como um homem que se situa a contramão do mundo moderno, que rejeita suas superficialidades, sua vida delicada, artificial, histérica. Um homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos. O nordestino é definido como um macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise, um ser viril, capaz de retirar sua região da situação de passividade e subserviência em que se encontrava (2013: 150).

Estudar a influência do patriarcalismo na sociedade brasileira confere um ponto essencial para o entendimento de todos os aspectos de coragem, valentia e violência do jagunço e de outros sertanejos. Pois, sendo estes tipos que ajudaram a constituir o homem do Nordeste, certamente também trazem consigo essa personalidade de base patriarcal. Vale lembrar que Durval Muniz (2013) chama atenção para o fato de que todos os tipos regionais que resultaram no nordestino são definitivamente masculinos e rurais. Filhos de uma sociedade ordenada por valores patriarcais, o jagunço mineiro de Guimarães Rosa (1994) e o seu sertanejo Augusto Matranga – que por sinal, tem como pai um coronel (outro tipo que ajudou a gerar a ideia

de nordestino) –, assim como o próprio nordestino, são capazes de tudo para defender a própria honra, e dispostos a matar, se preciso for, sem deixar que o sentimento de culpa lhe turve a consciência. Frutos de toda uma cultura de violência, Augusto Matranga, Joãozinho Bem-Bem e seus capangas devolvem ao mundo os exemplos que lhes foram ofertados desde as suas infâncias. Guimarães Rosa (re) constrói, no mundo da ficção, os conceitos e valores impostos a homens e mulheres no mundo real.

A hora e vez de Augusto Matranga: um breve lembrar

A hora e vez de Augusto Matranga conta a estória de Augusto Esteves, filho único do já falecido Coronel Afonso Esteves e órfão de mãe desde criança. Nhô Augusto ou Augusto Matranga, como fora apelidado, era marido de Dona Dionora, com a qual tinha uma filha chamada Mimita. Moravam no arraial do Murici. Homem com extensa fama de corajoso e valente possuía o respeito de todos e vivia rodeado de capangas.

Um dia, Dona Dionora, cansada dos excessos do marido, foge com outro homem, o também corajoso Ovídio Moura. Este promete à Dionora que irá cuidar de Mimita como se fosse filha dele. Augusto Matranga jura vingança e manda chamar os seus capangas, os quais recusam a lhe assistir, pois estão com os salários atrasados. A essa altura o Major Consilva (inimigo do pai de Augusto) já havia contratado esses homens para prestação de serviços. Nhô Augusto estava atolado em dívidas e, por isso, fora perdendo o respeito de todos.

Ao tentar se vigar de Consilva, Matranga leva uma surra dos seus antigos empregados e sofre uma tentativa de homicídio. Encontrado quase morto por um casal de pretos, ao fim de um barranco, Nhô Augusto, aos poucos, se recupera e começa a repensar a própria vida. Promete, aconselhado por um padre, a ir para bem longe, trabalhar muito e fazer as suas orações, sem mais pensar em vinganças.

No entanto, em meio às autopromessas e às tentações de levar a vida de antes, Augusto se depara com Joãozinho Bem-Bem, um chefe de bando de jagunços também muito valente e corajoso. Este estava de passagem, juntamente com mais oito homens, em direção a um arraial, para ajudar o amigo Nicolau Cardoso, que vinha sendo atacado por terceiros. Em um primeiro momento, Matranga

e Joãozinho ficam amigos. Mas logo em seguida, quando Augusto descobre que Joãozinho Bem-Bem prometeu se vingar de toda uma família, cujo um dos seus membros havia matado o Juruminho (Capanga de Bem-Bem), ele (Matraga) tenta proteger as vítimas desafiando Joãozinho Bem-Bem. É quando ocorre o duelo derradeiro.

Nhô Augusto e Joãozinho Bem-Bem: a identidade de macho no seu auge

O enredo desse conto é sustentado, do início ao fim, pela defesa da honra. O protagonista Augusto Matraga (Nhô Augusto) é um modelo fiel da ideia de macho surgida a partir do conceito patriarcal. A definição que o narrador faz dessa personagem, por si só, já indicia que se trata de alguém cujas características não deixam dúvidas quanto a sua masculinidade e ao exercício da mesma. O termo homem lhe é atribuído como um veredicto existencial. Nas palavras de Guimarães Rosa:

Matraga não é Matraga, não é nada. Matraga é Esteves. Augusto Esteves, filho do Coronel Afonso Esteves, das Pindaibas e do Saco-da-Embira. Ou Nhô Augusto – o homem – nessa noitinha de novena, num leilão de atrás de igreja, no arraial da Virgem Nossa Senhora das Dores do Córrego do Murici. (1994: 431).

Pela forma imponente com que age diante das situações que põem a sua coragem e valentia à prova, e, portanto, a sua reputação; pelo seu espírito de liderança diante dos seus subalternos; por comandar um espaço físico onde as pessoas que ali moram lhe oferecem um profundo respeito sustentado pelo medo e, sobretudo, por exercer uma lei baseada em um código de honra, Matraga surge para o leitor como um ser altamente destemido e másculo.

Trata-se de uma estória na qual há uma grande valorização do universo masculino, especificamente do homem do sertão, criado e educado sob as rédeas de um sistema patriarcal que, quase sempre, se revela em ações muito violentas contra homens e mulheres. A primeira cena já nos dá a dimensão exata dos mandos e desmandos exercidos pelos ‘machos sertanejos’, sobretudo por Augusto Esteves: um leilão de prostitutas. Uma violência física e moral contra duas mulheres que são vendidas como

se fossem mercadorias. Inclusive, uma delas (Tomázia, apelidada de Sariema) – que possuía um namorado capiau – é arrancada à força dos braços do seu parceiro e se vê obrigada a servir, na cama, o seu arrebatador.

Após comprar Tomázia, Nhô Augusto a toma do domínio do capiau, no qual bate, juntamente com os seus capangas. Essa ação de violência é festejada pelos outros homens que participavam do leilão, como se fosse uma verdadeira prova de macheza:

– Que foi, hein?... Que foi?
Foi o capiauzinho apanhando, estapeado pelos quatro cacundeiros de Nhô Augusto, e empurrado para o denso do povo, que também queria estapear.
– Viva Nhô Augusto!...
– Te apessoa para cá, do meu lado! – e Nhô Augusto deu o braço à rapariga, que parou de lacrimejar (ROSA, 1994: 433).

Mas o que mais chama a atenção é que essa atitude de Augusto Matraga tinha um único propósito: a demonstração pública de poder. O que importava era provar para os outros que ele era o homem a ser batido, o dono da razão imposta pela força. Isso fica muito claro quando, já no domínio de sua posse (Tomázia), Nhô Augusto, antes de usá-la sexualmente, desfaz impiedosamente das suas características físicas, atribuindo a ela uma série de defeitos. Logo em seguida, manda-a embora: “– Que é?!... Você tem perna de manuel-fonseca, uma fina e outra seca! E está que é só osso, peixe cozido sem tempero... Capim p’ra mim, com uma sombração dessas!... Vá-se embora frango d’água! Some daqui! (ROSA, 1994: 433).”

No livro *O mito da masculinidade*, Sócrates Nolasco (1993), que investiga as questões que envolvem o universo masculino desde os primeiros anos de vida dos homens, traz, logo na introdução, um depoimento dele mesmo que nos remete a essa postura da personagem Augusto Matraga em relação à Tomázia. Diz o autor: “Perder era percebido quase como uma negação de ser homem” (1993: 14). Isso mostra que para um ser totalmente preso aos moldes de macho, uma derrota colocaria em dúvida a sua macheza e a expressão do seu domínio.

A percepção de que a ‘um homem de verdade’ não cabe ser derrotado, pois isso abala a sua identidade masculina, pode ser obtida em dois grandes momentos

do conto, referentes à personagem Augusto Matraga. Os dois momentos pontuados aconteceram após Augusto ter levado uma surra dos capangas do Major Consilva e ter sido resgatado por um casal de pretos. Agora, esquecido, sem fama, sem reconhecimento e com a sua masculinidade questionada por ele mesmo e pelos outros (algo que põe em dúvida até o merecimento da salvação da sua alma). Matraga reflete sobre si: “– Desonrado, desmerecido, marcado a ferro feito rês, mãe Quitéria, e assim tão mole, tão sem homênia, será que eu posso mesmo entrar no céu?!...” (ROSA, 1994: 445). Ou ainda: “(...) – um patrão de borra, que estava p’r’ali no escondido, encostado, que nem como se tivesse virado mulher!...” (ROSA, 1994: 445). Assim, fica óbvio que, para Matraga, a surra física que levava fora antes uma surra moral. A comparação feita entre Nhô Augusto derrotado e uma mulher deixa claro que numa sociedade patriarcal ser mulher é ter menos poder e menos valia.

Entre as personagens da estória há uma que é essencial para ajudar o leitor a entender melhor a personalidade do protagonista, tendo em vista que nos apresenta um retrato fidedigno desse homem, especialmente no que se refere ao seu papel de marido e pai. Trata-se de Dona Dionora – esposa de Nhô Augusto –, uma mulher que antes de qualquer coisa teme o marido:

E ela conhecia e temia os repentes de Nhô Augusto. Duro, doido e sem detença, como um bicho grande do mato. E, em casa, sempre fechado em si. Nem com a menina se importava. Dela, Dionora, gostava, às vezes; da sua boca, das suas carnes. Só. No mais, sempre com os capangas, com mulheres perdidas, com o que houvesse de pior. Na fazenda – no Saco-da-Embira, nas Pindaibas, ou no retiro do Morro Azul – ele tinha outros prazeres, outras mulheres, o jogo do truque e as caçadas (...) (ROSA, 1994: 434).

Essa atitude de ver a mulher meramente como um objeto sexual é alimentada por uma postura machista, a qual julga ser o sexo feminino uma espécie de lazer que sempre deve estar preparado para satisfazer os desejos masculinos. Augusto Matraga é um homem que, assim como tantos outros – talvez a maioria – não se permite envolver afetivamente com a sua parceira, transmitindo apenas ao corpo a responsabilidade de manutenção da

relação. A respeito disso escreveu Sócrates Nolasco (1993): “Assim, a representação do que é um homem fica reduzida a uma prática sexual que nega o corpo masculino como fonte de prazer, fazendo com que desta negação seja mantida uma separação entre corpo, genitais e envolvimento afetivo” (1993: 41).

A essa visão está atrelada uma série de posturas inibidoras da igualdade de gênero, que começam a surgir já no início da vida da criança. Sobre essa conduta de diferenciação, recorremos mais uma vez às palavras de Nolasco: “Mesmo com todas as mudanças sociais, sobre os filhos se deposita uma expectativa de ação; sobre as filhas, uma de recato” (1993: 40).

Sabemos que dentre esses aspectos diferenciadores há os que são estimulados nas brincadeiras de criança, bem como na maneira do indivíduo conduzir a própria liberdade. É o que nos mostra Durval Júnior (2013) ao falar da infância – período em que começam a se desenhar os papéis impostos a homens e mulheres. Apesar de este autor direcionar a sua descrição para o tipo de educação imposta ao nordestino, é justo que possamos utilizá-la para falar de uma grande parte dos homens em geral, e em especial da personagem Augusto Matraga (um sertanejo), pois, sabemos, estamos diante de um modelo muito comum de educação, baseado em valores patriarcais:

(...) Uma família que definia rigorosos e polares papéis para homens e mulheres, mundos que já começavam a se separar na mais tenra infância. Desde cedo, quando estava chorando, o menino ouvia que aquilo não era coisa de homem, passando a ter vergonha de chorar em público, como se estivesse fazendo algo feio. Menino era criado solto, menina era criada presa dentro de casa. O menino podia, em companhia de companheiros de sua idade, se aventurar para além do terreiro e ficar na companhia dos homens adultos, onde começava a sua formação para o mundo, as meninas não, sempre presas ao mundo doméstico até em suas brincadeiras (2013: 219-220).

A distância de Nhô Augusto em relação à própria filha certamente se explica pelo fato de tratar-se de uma menina, ou seja, ele não pôde sonhar com uma projeção do seu modelo de macho. Foi-lhe negado a oportunidade de ser pai de um filho homem, e, portanto, de passar adiante todos esses valores ligados à ideia de masculinidade,

inclusive ‘o direito de ser infiel’. Seguindo a linha desse pensamento, a infidelidade, quanto mais exercitada, mais representativa da virilidade, do vigor sexual.

Todo esse louvor à machesa não se concentra apenas na personagem Augusto Matraga, mas também pode ser visto em outras personagens da estória. Destacamos os elogios de Joãozinho Bem-Bem (jagunço chefe) ao seu capanga Zeferino: “– Que nada! – apoiou seu Joãozinho Bem-Bem. – Isto é cabra macho e remacheado, que dá pulo em-cruz...” (ROSA, 1994: 450). E o orgulho de Juruminho (outro jagunço do bando de Joãozinho), falando de si, em conversa com Nhô Augusto:

– Chego até em porco-espinho e em tatarana-rata, e em homem de vinte braços, com vinte foices para sarilhar!... Deito em ponta de chifre, durmo em ponta de faca, e amanheço em riba do meu colchão!... Está aí nosso chefe, que diga... E mais isto aqui... E mostrou a palma da mão direita, lanhada de cicatrizes, de pegar punhais pelo bico, para desarmar gente em agressão (ROSA, 1994: 450).

A chegada de Joãozinho Bem-Bem ao povoado do Tombador nos dá uma amostra de um homem cuja identidade de macho – assim como a de Nhô Augusto – alcança o seu auge. Isso pode ser percebido claramente na descrição que o narrador faz dessa personagem: “(...) o arranca-toco, o treme-terra, o come-brasa, o pega-à-unha, o fecha-treta, o tira-prosa, o parte-ferro, o rompe-racha, o rompe-e-arrasa: seu Joãozinho Bem-Bem” (ROSA, 1994: 447). Identidade essa que é reforçada pela reação dos moradores do local, quando avistam esse chefe da jagunçagem chegar com o seu bando. Percebe-se um temor generalizado: “O povo não se mexia, apavorado, com medo de fechar as portas, com medo de ficar na rua, com medo de falar e de ficar calado, com medo de existir” (ROSA, 1994: 447). Essas características mostram que a ideia de macho está ligada à de agressividade e violência.

Nhô Augusto e Joãozinho Bem-Bem: um confronto de honras em prol de uma identidade masculina

A honra ganha um destaque especial no conto *A hora e vez de Augusto Matraga*. O cuidado de mantê-la intacta diante dos olhos da sociedade é algo que para a

maioria das personagens homens dessa trama, sobretudo Augusto Matraga e Joãozinho Bem-Bem, irá significar a maneira mais representativa de reafirmação da identidade masculina. Os casos de ameaça à honra deverão ser combatidos de maneira enérgica, o que significa dizer violenta.

Nhô Augusto, no decorrer da trama, sofre um abalo quádruplo no que diz respeito a essa questão: perde todo seu dinheiro e posses; a mulher foge com outro homem; a filha vira prostituta e, pra completar a sua desgraça, ele leva uma surra a mando de um inimigo. Isso gera uma desqualificação moral para esse tipo de indivíduo cujo comportamento é alicerçado por princípios patriarcais. Essa desonra pode ser lida no trecho do conto em que Matraga, ao assumir para o seu conhecido Tião da Thereza que ele (Augusto) não existe mais como homem, ouve do seu interlocutor: “– Estou vendo, mesmo. Estou vendo...” (ROSA, 1994: 444). Os gestos de Tião da Thereza foram ainda mais impiedosos: “E Tião da Thereza pôs, nos olhos, na voz e no meio-aberto da boca, tanto nojo e desprezo, que Nhô Augusto abaixou o queixo (...)” (ROSA, 1994: 444).

Muitas são as cenas que retratam a questão da honra no conto analisado. Citaremos as principais para ilustrar com exatidão toda a violência que confere a esse quesito a característica de antiquado. O momento mais claro dessa ocorrência se dá logo que Augusto Matraga recebe de Quim Recadeiro a notícia de que Dona Dionora havia fugido com Ovídio. Após comunicar o ocorrido ao seu patrão, Quim acrescenta: “– ... Eu podia ter arresistido, mas era negócio de honra, com sangue só p’ra o dono, e pensei que o senhor podia não gostar...” (ROSA, 1994: 436). No que Matraga reforça: “– Fez na regra, e feito! Chama os meus homens!” (ROSA, 1994: 436). Como não consegue executar a sua vingança, Matraga se sente desonrado, acabado: “(...) Só ele, Nhô Augusto, era quem estava de todo desonrado, porque, mesmo lá, na sua terra, se alguém se lembrava ainda do seu nome, havia de ser para arrastá-lo pela rua-da-amargura...” (ROSA, 1994: 452).

Essa postura de cobrar com sangue uma ofensa moral também é adotada por Joãozinho Bem-Bem. Este, jagunço imensamente afamado, por diversas vezes utiliza desse recurso para honrar a si e aos seus. É o que ocorre, quando, em diálogo com Nhô Augusto, Bem-Bem

jura vingar a morte de Juruminho, seu empregado: “– O matador – foi à traição – caiu no mundo, campou no pé... Mas a família vai pagar tudo, direito!” (ROSA, 1994: 458). Mas, é numa outra fala de Joãozinho, em resposta ao pai da família jurada de morte, que essa preocupação em cuidar da própria honra se mostra indispensável:

– Lhe atender não posso, e com o senhor não quero nada, velho. É a regra... Senão, até quem é mais que havia de querer obedecer a um homem que não vinga gente sua, morta de traição?... É a regra. Posso até livrar de *sebaça*, às vezes, mas não posso perdoar isto não... Um dos dois rapazinhos seus filhos tem de morrer, de tiro ou à faca, e o senhor pode é escolher qual deles é que deve pagar pelo crime do irmão. E as moças... Para mim não quero nenhuma, que mulher não me enfraquece: as mocinhas são para os meus homens... (ROSA, 1994: 459-460).

É visível que essa forma de lidar com a justiça é baseada em uma convenção regional. Quando a personagem citada anteriormente se refere a uma regra, está querendo dizer que as suas atitudes devem estar em harmonia com a ‘lei marginal’, com um código tácito de honra. Pois, caso isso não ocorra, as outras pessoas, que ajudam a alimentar esse tipo de conduta, não mais ofertarão a ele o respeito necessário para a manutenção da sua identidade masculina, o que, conseqüentemente, resultará em perda de poder por parte do ofendido.

Essa identidade encorpada pela defesa da honra dá – nessa estória criada por Guimarães – a sua maior demonstração durante o confronto final entre Nhô Augusto e Joãozinho Bem-Bem. Um confronto de honras. Apesar de, neste momento do conto, tornarem-se inimigos, ambos defendem de tal modo a coragem, a valentia e a honra, que, mesmo em briga física de morte, encontram razão e tempo de admirarem um ao outro. Eles se atacam fatalmente ao mesmo tempo em que se respeitam:

– Pois então... – e Nhô Augusto riu, como quem vai contar uma grande anedota – ... Pois então, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem, é fácil... Mas tem que passar primeiro por riba de eu defunto...
(...)
– Se entregue, mano velho, que eu não quero lhe matar...
– Joga a faca fora, dá viva a Deus, e corre,

seu Joãozinho Bem-Bem...

(...)

– Espera aí, minha gente, ajudem o meu parente ali, que vai morrer mais primeiro... Depois, então, eu posso me deitar.

– Estou no quase, mano velho... Morro, mas morro na faca do homem mais maneiro de junta e de mais coragem que eu já conheci!

(...) Quero acabar sendo amigos...

– Feito, meu parente, seu Joãozinho Bem-Bem. Mas, agora, se arrepende dos pecados, e morre logo como um cristão, que é para a gente poder ir juntos...

(ROSA, 1994: 460-461).

O endeusamento do homem e a sacralização da violência

A proteção aos valores morais, especialmente à honra, e o cuidado em preservar a fama de macho é tamanha no conto *A hora e vez de Augusto Matraga*, que, por diversas vezes, os seus protagonistas são vistos como seres divinos ou enviados por Deus. Sobre isso, disse Sócrates Nolasco (1993): “A representação masculina é uma efígie de um deus ou de um herói que segue pelos caminhos desenhados por este deus”. (NOLASCO, 1993: 30).

Essa visão de um homem onipotente surge, em um primeiro momento, através de um sonho tido por Matraga, no qual ele avista um deus parecido com Joãozinho Bem-Bem:

E, à noite, tomou um trago sem ser por regra, o que foi bem bom, porque ele já viajou, do acordado para o sono, montado num sonho bonito, no qual havia um Deus valentão, o mais solerte de todos os valentões, assim parecido com seu Joãozinho Bem-Bem, e que o mandava ir brigar, só para lhe experimentar a força, pois que ficava lá em-cima, sem descuido, garantindo tudo (ROSA, 1994: 452-453).

Em outros três momentos seguintes, Augusto Matraga é visto pelo velho (pai da família ameaçada por Bem-Bem) e pelo povo que acompanhou todo o duelo, como sendo um enviado do céu. O velho, após ter seu pedido negado por Joãozinho, diz furioso: “– Pois então, satanás, eu chamo a força de Deus p’ra ajudar a minha fraqueza no ferro da tua força maldita!...” (ROSA, 1994: 460). Essa súplica do idoso acarretou na intervenção de

Augusto Matraga, como se esse fosse um enviado de Deus para resolver o problema, impedindo que seu amigo-inimigo cumprisse as suas promessas em relação àquela família jurada de morte. O que se reforça com a voz do povo do local: “(...) – Foi Deus quem mandou esse homem no jumento, por mor de salvar as famílias da gente!...” (ROSA, 1994: 462).

Depois da grande batalha entre os dois homens mais corajosos daquele sertão, acontecem as duas maiores demonstrações de respeito a esse modelo de homem-Deus. Uma do próprio Augusto Matraga: “– Pára com essa matinada, cambada de gente herege!... E depois enterrem bem direitinho o corpo, com muito respeito e em chão sagrado, que esse aí é o meu parente seu Joãozinho Bem-Bem!” (ROSA, 1994: 462); outra, do velho em relação a Matraga: “– Traz meus filhos, para agradecerem a ele, para beijarem os pés dele!... Não deixem este santo morrer assim... P’ra que foi que foram inventar arma de fogo, meu Deus?!...” (ROSA, 1994: 462).

Considerações finais

Diante de tudo o que foi discutido até aqui, fica claro que a ideia de masculinidade está diretamente ligada ao conceito de patriarcalismo, o qual, por sua vez, está impregnado de incentivos a comportamentos violentos e de valores diferenciadores de gênero. Tornou-se evidente que as atitudes agressivas dos homens é algo construído socialmente desde os primeiros anos de vida e fruto de uma tensão gerada pelo medo desse mesmo homem em não corresponder às expectativas depositadas sobre ele, sobretudo por outros homens, o que acabaria por gerar uma crise identitária. Essa crise se sustentaria pelo temor que esses homens têm de serem confundidos com homossexuais.

Para o homem do sertão, habitante de um ambiente onde as condições de vida quase sempre não condizem com o necessário para se garantir uma boa sobrevivência, devido ao esquecimento das autoridades responsáveis, esses tipos de comportamentos que valorizam a violência, em especial a honra, podem se intensificar, na medida em que a própria sociedade da qual faz parte ecoa um discurso masculinizante.

A literatura produzida por Guimarães Rosa (1994) presta uma importante função social na medida em que denota, em forma de ficção, os papéis que operam a

construção dos gêneros em sociedade. Dito isto, é inegável a sua contribuição para o aprofundamento das discussões referentes ao tema.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. (2013). *Nordestino: Invenção do “Falo” – Uma História do Gênero Masculino (1920-1940)*. 2º ed. São Paulo: Intermeios. (Coleção Entregêneros).

ANDRADE, Vera Lúcia. (1991). “Conceituação de Jagunço e Jagunçagem em Grande Sertão: Veredas”. In: COUTINHO, Afrânio. *Coleção Fortuna Crítica 6 Guimarães Rosa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. pp. 491-499.

BERGER, Peter L. (1986). *Perspectivas Sociológicas: Uma Visão Humanística*. 20. Ed. Petrópolis: Vozes.

CÂNDIDO, Antônio. (2006). “*Literatura e Sociedade*”. 9. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.

CÂNDIDO, Antônio. (1991). “O Homem dos Aversos”. In: COUTINHO, Afrânio. *Coleção Fortuna Crítica 6 Guimarães Rosa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. pp. 294-309.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. (2008). *Míni Aurélio: O Dicionário da Língua Portuguesa*. 7. Ed. Curitiba: Editora Positivo.

HALL, Stuart. (2003). *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A.

NOLASCO, Sócrates. (1993). *O Mito da Masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco.

NOLASCO, Sócrates. (1994-1995). “Masculinidade, Media e Violência”. *Comunicação e Política*. V. I, n. 2, pp. 299-311, dezembro-março.

ROSA, Guimarães. (1994). *Ficção Completa*. Vol. 1. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar.